



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS AUDRE LORDE: PESQUISA- AÇÃO, TEORIAS, VIVÊNCIAS E ALTERIDADES, NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.

Ana Carla da Silva Lemos<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Denise Botelho<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Palavras-chave: educação, gênero, sexualidades, raça e conhecimento.

### Resumo:

Este trabalho terá como pressuposto expor as experiências metodológicas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde, que tem dialogado com os temas de educação, gênero, raça, sexualidades e as construções das epistemologias, a partir de vertentes graduais dos colonialismos x pós-coloniais, moderno x pós-moderno, especialmente a partir da linha epistemológica do sul. Este pretende abordar as construções do conhecimento, a partir dos grupos de estudos e pesquisas, que tem como foco dialogar com autores/as que fogem da linha dita “central” do conhecimento, reconhecido como o Norte, onde as ciências foram construídas por homens brancos, de classe média, heterossexuais, tendo a tendência de pensar outras culturas a partir da sua realidade social, excluindo outras formas de dialogo dos saberes. Tendo foco no positivismo e a neutralidade axiológica que excluía outras formas de fazer ciência, especialmente as que vinham de outras localidades reconhecidas como periféricas, especialmente as que vem do Sul. É a partir deste ponto inicial que o grupo de pesquisa vai dialogar com outras formas metodológicas de ensino e pesquisa-ação que vai pensar o Outro, como Sujeito, que constrói para além das normatizações científicas, evidenciando o campo mais amplo de construção dos saberes, especialmente o de autores/as negros/as

1. Ana Carla da Silva Lemos, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades – Audre Lorde – GEPERGES – UFRPE. [anacarlalemospe@gmail.com](mailto:anacarlalemospe@gmail.com)
2. Denise Botelho, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI-UFRPE-FUNDAJ), coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades – Audre Lorde – GEPERGES – UFRPE. [mulhernegra@gmail.com](mailto:mulhernegra@gmail.com)



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que pensam a partir do conhecimento situado e político, partindo dos pressupostos de paradigmas feministas e não racistas, que vão dialogar com outras formas de fazer ciência, sem levar como foco a heteronormatividade, o positivismo, mudando o eixo de construção do conhecimento, reconhecendo as teorias e vozes trazidos pelos/as que foram subalternizados/as por séculos, a partir dos olhares imperialistas e colonizadores. Pensar toda esta construção faz o palco das reflexões a corporeidade como ação política e tendências pedagógicas, metodológicas, contribuindo para a inclusão, pensando o corpo, a alteridade, os saberes que vão para além das formalidades acadêmicas, fugindo da hegemonia do conhecimento dito como “neutro” e “correto” no campo mais amplo da educação.

### **Introdução:**

O GEPERGS – Audre Lorde se constitui de alunos/as de graduação e pós, na expectativa de discutir eixos da educação, a partir do não olhar eurocentrado, mas na abordagem de conhecer outras linguagens e teorias que priorizem outros campos do conhecimento, senão o considerado como o “central”, como aborda Boaventura com as reflexões sobre outros diálogos de saberes, construídos por todas, independente do Norte, evidenciando o diálogo Sul-Sul e os saberes descentralizados.

O grupo de estudos e pesquisas tem dialogando dentro de uma universidade pública federal, realizando ações como ferramenta de combate ao racismo, machismo, sexismo, homofobia, incluindo no foco dos estudos em autores/as que trazem um diferencial em sua escrita, questionando o academicismo, a forma “correta” da escrita, de fazer pesquisas, de pensar os centros ou não de construção do conhecimento, evidenciando o que por muito tempo foi considerado como “subalterno” (SPIVAK, 2010).

Trabalhar tais variáveis estruturantes, a partir do campo epistemológico pós-colonialista, dialogando com o campo macro da educação, entendendo que esses marcadores sociais influenciam no campo pedagógico, metodológico, e, sobretudo, teórico-político.

O Grupo tem trilhado suas experiências a partir dos paradigmas epistemológicos que vai potencializar o/a subalterno/a como sujeito, trazendo para o diálogo algumas vertentes culturais questionadoras, como as de matrizes afro-brasileiras, que vai trabalhar a partir das vertentes do corpo enquanto, processo político, da arte, da dança e da espiritualidade,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

elementos essenciais para dialogar com as metodologias educacionais que muitas vezes se exclui do campo do diálogo como forma de preconceito, onde o toque e as vivências são proibidas, até porque, durante muito tempo o campo científico foi pensado a partir da neutralidade axiológica.

Correlacionar teorias com a prática como processo político é um desafio constante, que vai dialogar com as metodologias e estratégias para a profissão docente e na formação discente, nas diversas esferas de reprodução do conhecimento, através da práxis e dos pressupostos feministas.

Privilegiar o campo vivencial é uma das formas de abordar não apenas a construção do conhecimento mais “tradicional”, mas dialogar através da experiência da corporalidade, do sentir, como forma de sensibilização e humanização para trabalhar temas que no processo histórico são considerados conflituosos, pois vai questionar os pressupostos cristalizados da sociedade brasileira.

Para lidar com temas que vão requerer maior debate e discussões, trabalhar com outras ferramentas metodológicas ajuda a refletir melhor, inclusive utilizando a alteridade também como ponto essencial de diálogo e reflexões, trazendo outros saberes antes marginalizados, especialmente de teóricos/as negros/as do Sul.

No campo das discussões teóricas educacionais, é importante utilizar a multidisciplinaridade para embasar melhor a forma de reflexão-ação que se faz necessário em sala de aula e nas pesquisas-ações. Evidenciar as metodologias biográficas, etnográficas, que são trabalhadas a partir da contribuição histórica da Escola de Chicago com o interacionismo simbólico, as metodologias que tem o olhar feminista de fazer ciência, saindo da caixa da observação, sem participação política ou olhar situado e político.

Na experiência do grupo são trabalhados textos especialmente de autoras/es negro/as, do Sul, que trazem para além das teorizações ou vivências repercussões políticas<sup>3</sup>, como as contribuições teóricas e vivenciais de Lélia Gonzalez, Audre Lorde, Bell Hooks, Beatriz do Nascimento, ou ainda aqueles/as que protagonizam reflexos emancipatórios na sociedade, como: Leila Diniz, Paulo Freire, Safo, Maria Carolina de Jesus, dentre tantas outras pessoas,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que enriquecem as discussões para além do que podemos dizer “tradicionalismo” no campo acadêmico.

São reflexões políticas, vivenciais e de alteridade, que dialogamos e tentamos reproduzir nas pesquisas-ações para além dos muros acadêmicos, mas com o corpo, a arte, a capoeira, a ancestralidade e as diversas metodologias que englobam a construção do Ser, para além das normatizações impostas, refletindo sobre as diversas construções das liberdades de expressões e culturais.

### **Metodologia:**

Pensar a partir de autores/as antes considerados/as subalternos/as, por uma questão política, pensando para além do Norte, a partir de vivências e corporeidade. Trazendo outros olhares de construção dos saberes, especialmente feministas e não positivistas, que vão evidenciar o particular enquanto político.

Evidenciar as formas de construção de conhecimento pensando outras pedagogias e metodologias, priorizando os campos vivenciais, de corporeidade, do conhecimento situado e político que vão para além dos campos cientificistas onde vamos pensar o ser humano, a partir das vivências para as teorias e não a adequação das teorias para as vivências.

Trazemos a inversão de prioridades no campo da construção do conhecimento, priorizando as trocas de conhecimentos, sem pensar nos rótulos apenas acadêmicos, mas na tradição do conhecimento, através dos/as mais velhos/as, dos saberes populares, de evidenciar práticas que por muito tempo não foi potencializado e recebido pela academia, por não serem reconhecimento enquanto conhecimento válidos, que possam contribuir para as construções do conhecimentos.

### **Diálogos:**



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Estudar teóricas/os que trazem reflexões de vão de encontro ao centro como a autora que escolhemos como referência do grupo de estudos, Audre Geraldine Lorde, norte-americana, nascida em 1934, mulher negra, lésbica, poeta, ativista negra dos movimentos feminista, anti-guerra e dos direitos civil. O ativismo feminista de Audre Lorde por questuinar o movimento feminista do seu país, dominado por ativistas brancas e de classe média, que ignoravam a questão racial do problema e por focar-se nas experiências de mulheres brancas da classe média, olhando a partir de suas experiências e saberes.

Audre Lorde incentivou as questões raciais, de sexualidade, geração e classe olhando as experiências e particulares de cada mulher, portanto, as linhas traçadas pelas ativistas feministas brancas, americanas não contemplavam as especificidades das mulheres negras e lésbicas.

Suas ideias influíram sobre o conceito de interseccionalidade nos estudos políticos da opressão das minorias, sendo ela, corajosa por enfrentar o movimento que estava posto, pois era necessário pensar para além do eixo Norte, branco, heterossexual e de classe média.

Mesmo a autora sendo do Norte, por suas especificidades, era considerada periférica, pois as demandas trazidas pelas ciências e feministas do seu tempo não dava conta de incluir as demandas da população negra e feminina, sendo ela marginalizadas, sendo colocadas no lugar de subalterna, assim como os conhecimentos do Sul, dos/as subalternos/as marginalizadas por sua cor e construção de conhecimento que vão de encontro ao centro.

Lorde é uma das mulheres nortistas que vai direcionar a construção do conhecimento, a partir do seu lugar situado de mulher negra, lésbica, feminista, poeta, dentre tantos outros atributos.

Na América Latina também podemos mencionar mulheres como Ochy Curiel, que vai contribuir para as criticas feministas, anti-racistas e não heterossexual, no Brasil Lélia Gonzales com sua trajetória política e acadêmica que vai trazer a contribuição das formas de linguagens e escrita para desconstruções das normatizações e dos academicismos enraizados e influenciados pelas teorizações do Norte.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Poderíamos citar inúmeros nomes de autores/as sociais que fizeram e fazem história em diálogo com o movimento negro e academia, pensando as graduações de construção do conhecimento, evidenciando as especificidades das pessoas, a partir da sua raça, classe, orientação sexual e outras demandas que são subjetivas e relacionais, que vão para o campos das vivências e trajetórias de vidas que também são políticas e evidenciam o Eu privado, que também é público e político.

Pensar e trazer para o campo acadêmico os diálogos com outros saberes como Boaventura, vai bem trazer, com as Epistemologias do Sul, pensando os movimentos sociais, trabalhando a partir de outros centros, outros olhares, outras contribuições epistêmicas para se pensar as diversas realidades sociais.

É nesta construção e conhecimento de saberes diversos que nos apropriamos de diversos conhecimentos, a partir do âmbito educacional para que possamos construir olhares não eurocentrado, a não ser que seja por postura política, pois existem as diversas diretrizes metodológicas que embasam outros saberes, para que não haja as centralizações de pontos de vista positivistas e masculinistas, que pensem a nossa realidade social, a partir de pressupostos que dialoguem com as vivências locais, situado e político.

### **Conclusão:**

Acreditamos que desta forma, contribuímos para as reflexões teóricas-metodológicas dentro e fora do campo acadêmico, evidenciando a transformação social nas práticas didáticas, para uma educação de qualidade que pense para além dos campos “formais” acadêmicos, mas de forma que possa associar as teorias, vivências, biografias e práticas impulsionadas que reflitam sobre os problemas sociais, e, sobretudo, os elencados como prioritários no grupo de pesquisa, por sua relevância social e por necessitar de intervenções inovadoras que contribuam para formatação e pesquisa-ação de melhor qualidade e incidência política.



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

É deste forma, que acreditamos, contribuir para as formações diversas das/os participantes do grupo e nos processos de intervenção, pois, saímos do que se é visto como o centro e trabalhamos, conhecemos, dialogamos sobre e com outros saberes, que fazem a diferença nas construções teóricas, sobretudo, as metodologias trazidas para as salas de aula, que traz o olhar epistêmico feminista, mesmo não tendo um método exclusivo de fazer ciência, mas traz olhares diferenciados para pensar as diversas atuações que vão para além dos rótulos e da tradicionalidade axiológica, antes deveras centralizado no eixo Norte, masculino, branco e heterossexual.

Trazer o olhar diferenciado para refletir sobre as representatividades evidenciadas culturalmente e que muitas vezes tornam-se cristalizadas e fazem ressoar como verdade, é um processo que dialogamos a partir do olhar não colonizado, reconhecendo os diversos sujeitos da construção do conhecimento, que vai para além da forma como se escreve ou das teorizações, mas, sobretudo da atuação política em campo.



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a Educação Como Prática da Liberdade. Tradução: Marcelo Brandão, Copélia. São Paulo, editora WMF Martins Fontes, 2013.
2. GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, 11ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2009.
3. \_\_\_\_\_, Toda mulher é meio Leila Diniz, Rio de Janeiro, 2ª edição - Bestbolso, 2011.
4. GONZÁLES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. P. 223-244.
5. HARDING, Sandra. Ciência y feminismo. Ediciones Morata, S. L. Madri, 2006.
6. HELIETH, Saffioti. Mulher brasileira: opressão e exploração. Edições Achiamé Ltda, Rio de Janeiro, 1984.
7. MINAYO, Maria Cecília de Souza. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1992. 269 p., bibliografia. (Brochura)
8. MOORE, Henrieta. Compreendendo sexo e gênero. (do original em inglês “understanding sex and gender”. In: Tim Ingold (ed.) Companion Encyclopedia of Anthropology. London, Routledge, 1997. Tradução Júlio Assis.
9. PICHARDO, Rosa (Ochy). Crítica pós-colonial desde las praticas políticas del feminismo antirracista. Nômadas, nº 26, abril de 2007.
10. SANTOS, Boaventura de Sousa Santos; MENESES, Maria Paula. Espistemologias do Sul. São Paulo, Editora Cortez, 2010.
11. SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? .Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.